

TEMPOS PRETÉRITOS: CONCEITUAÇÕES E VALORES

Carlos Eduardo Herculano Jardim (UFT)

cadujardim01@gmail.com

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)

luizpeel@uft.edu.br

RESUMO

O ensino da variante-padrão da língua portuguesa se estende por várias áreas de conhecimento, refletindo nos aspectos significativos, usuais e metodológicos que nos auxiliam na criação de novas práticas de ensino na educação básica. Podemos ter com a gramática uma relação sujeito/objeto, pois é necessário que tenhamos conhecimento mútuo daquilo que transmitimos. Para a normatização da gramática no ensino formal, destacam-se os verbos, uma vez que é a classe gramatical com mais ênfase no ensino básico, posto que sejam os nós das frases. Defendemos, neste trabalho, as formas usuais do tempo pretérito para a conscientização dos professores da educação básica ao desenvolverem suas metodologias e práticas no ensino gramatical dessa classe de palavras, analisando as contribuições dos tempos verbais, ressaltando a importância do uso do tempo pretérito para o processo do ensino da língua portuguesa, conceituando-os e apontando a relevância de seu uso.

Palavras-Chaves: Gramática. Verbos. Pretérito. Língua portuguesa.

1. Introdução

O presente trabalho visa à conscientização dos professores do ensino fundamental durante as práticas de ensino gramatical dos verbos; para tanto, discorre sobre a contribuição dos tempos verbais, principalmente a importância do uso dos tempos pretéritos para o processo do ensino da língua portuguesa, conceituando e apontando a relevância de uso de cada um de seus tipos.

2. Concepções dos modos verbais

Para a maioria dos professores de língua portuguesa, o verbo é simplesmente uma palavra usada como uma das dez classes gramaticais: aquela responsável pelas indicações de uso das ações, dos estados, fenô-

menos naturais, desejos e ocorrências acometidas na estrutura das orações que compõem a variante padrão.

Durante os estudos gramaticais realizados no desenvolver dessa pesquisa, foi encontrada uma concepção do termo verbo que abrange aspectos léxico-gramaticais do conceito, seus tempos e usos dos pretéritos. Celso Ferrarezi Júnior (2014), em *O Estudo dos Verbos na Educação Básica*, ao perceber a dificuldade dos alunos durante o ensino dos verbos nas aulas de língua portuguesa, em decorrência da utilização dos métodos tradicionais adotados pelos professores, destaca de maneira simples que o sentido significativo do verbo no português brasileiro é o que segue: “o verbo é a única palavra que pode ser modificada para expressar mudanças em relação ao tempo”. (FERRAREZI JÚNIOR, 2014, p. 14)

Ainda em *O Estudo dos Verbos na Educação Básica*, Celso Ferrarezi Júnior (2014) destaca que, para compreender os tempos verbais do português brasileiro, é necessário compreender o conceito da harmonia temporal expressada pelos verbos em diferentes tempos. O autor salienta que a harmonia temporal “é a relação de dependência que um tempo tem em relação a outro, ou seja, seu funcionamento conjunto”. (FERRAREZI JÚNIOR, 2014, p. 71)

Enquanto Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (2016), em seu “Vocabulário de Sintaxe Normativa”²⁰², apresenta-nos uma definição do termo verbo de maneira abrangente e lógica, englobando as concepções destacadas pela perspectiva dos linguistas e concepções expressas em dicionários de terminologia da língua portuguesa, apresentando o verbo como:

Palavra pertencente a uma classe aberta de palavras que flexiona em tempo, modo, pessoa e número, e que constitui o elemento principal do grupo verbal; para vários linguistas, o verbo tem na frase um papel decisivo, determinando, enquanto centro funcional sintático, a estrutura da frase, graças a sua potência de enlace (Tesnière, Erben, Engel, Heringer, dentre outros). (OLIVEIRA, 2016, p. 85)

O verbo também se flexiona em três modos verbais, sendo eles o *Indicativo*, o *Subjuntivo* e o *Imperativo*. No modo indicativo, o verbo expressa a certeza do falante, um fato que se tornou ou será realidade, pos-

²⁰² Vocabulário desenvolvido por Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, que é professor na Universidade Federal do Tocantins (UFT), possuindo experiência na área de letras clássicas, filologia, teoria literária e linguística, atuando principalmente em semiótica, cognição, lógica, metodologia, arte e filologia.

suindo seis tempos verbais, sendo eles o presente, o pretérito perfeito, o imperfeito e o mais-que-perfeito; o futuro do presente e o futuro do pretérito. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, em seu vocabulário, apresenta-nos a definição do indicativo:

Do lat. *indicativus*, “que indica; que informa”. Raiz indo-europeia: *deik-* (‘mostrar’, ‘indicar’). Nome dado ao modo verbal pelo qual um fato é indicado ou assegurado. Na língua portuguesa, o indicativo é usado, ainda, como subjuntivo, quando acompanhado por advérbios de dúvida ou pela subordinação da enunciação a uma construção com verbo significado pensar, crer etc. (OLIVEIRA, 2016, p. 96)

O modo imperativo, diferentemente do indicativo, expressa ordem, conselho ou um pedido do falante, é explicado por Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (2016) como:

Nome dado ao modo verbal que expressa a vontade do falante em relação ao comportamento do ouvinte. Na língua portuguesa só admite formas de presente (aplicáveis ao futuro), sendo que suas formas são as de segunda pessoa, para o tratamento direto, e as de terceira pessoa, para o tratamento indireto; existe, ainda, a possibilidade do falante se associar à ação que impõe ao outro, aparecendo uma forma de imperativo de primeira pessoa do plural. (OLIVEIRA, 2016, p. 96)

O modo subjuntivo é o que expressa um fato de incerteza proferido pelo falante, fato duvidoso, hipotético ou com possibilidades de acontecer, não estando ligado aos processos temporais do verbo. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (2016) nos aponta a concepção do termo subjuntivo, elencando olhares conceituais de vários linguistas e gramaticistas em suas obras, destacando ainda que na realidade linguística não existe nenhum valor modal para o subjuntivo devido às variedades de uso empregadas pelo usuário, afirmando que o subjuntivo:

Exprime dependência, eventualidade ou possibilidade. O subjuntivo, ou conjuntivo, é a modalidade verbal destinada a indicar que o processo é apenas admitido e, conseqüentemente, passível de dúvida. Para Wittgenstein, o subjuntivo só tem sentido na forma condicional, na qual é colocada, na forma de dependência, uma asserção relativa a uma possibilidade fenomenológica; nos outros usos, seria sem sentido, uma vez que o sentido, para o filósofo austríaco, é algo que apresenta certeza em relação ao fenômeno ou à possibilidade fenomenológica; precisaríamos, se fôssemos seguir a concepção do filósofo austríaco, identificar duas possibilidades semânticas: a da certeza (indicativo), que possibilitaria sentidos; e a outra, a que conjugaria o imperativo e o subjuntivo, que possibilitaria significados, mas não sentidos. (OLIVEIRA, 2016, p. 96-98)

3. Os pretéritos

A partir dos pressupostos conceituais dos modos verbais (indicativo, imperativo e subjuntivo), chegamos ao foco principal deste trabalho, no qual discutiremos concepções e uso dos pretéritos da língua portuguesa. Como sequência do estudo dos modos, chamamos de tempo a noção expressa pelos verbos no momento da enunciação (presente, passado e o futuro).

Por meio dos estudos gramaticais da língua portuguesa, entendemos que pretérito é a noção de tempo expressa em um momento passado da enunciação, classificando-se em pretérito perfeito (indicativo e subjuntivo), pretérito imperfeito (indicativo e subjuntivo), pretérito mais-que-perfeito (indicativo e subjuntivo). Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (2016) nos apresenta a concepção de pretérito em seu vocabulário como:

“Passar além”, “que passou, passado”. É o tempo que situa o processo no passado em relação a um determinado momento; existindo, na língua portuguesa cinco possibilidades para situar o momento pretérito: pretérito imperfeito (ação passada contínua); pretérito perfeito (ação passada concluída); pretérito perfeito composto (ação passada que continua no momento em que se diz); pretérito mais-que-perfeito (ação passada anterior a outra igualmente pretérita); pretérito mais-que-perfeito composto (ação passada anterior a outra também situada no passado). (OLIVEIRA, 2016, p. 94)

4. Funções de uso dos pretéritos

4.1. Indicativo

O modo indicativo do verbo é constituído por três tempos pretéritos, sendo eles o pretérito perfeito (simples e composto), pretérito imperfeito (simples) e pretérito mais-que-perfeito (simples e composto). Veja-mos agora suas funções e usos no momento da enunciação.

O pretérito perfeito simples do modo indicativo se constitui quando o falante, em seu momento de enunciação, profere um fato em que a situação está inteiramente concluída, realçando algo que aconteceu em um momento passado. Celso Ferrarezi Júnior (2014) destaca que não importa se o momento da enunciação do passado, em seu período simples do indicativo, ocorreu há dois segundos ou há dois milhões de anos, pois a parte mais importante do período que constitui o pretérito perfeito é o seu sentido de pontualidade definido e ocorrente antes do momento da fala.

Em seu período composto, no modo indicativo, é constituído quando o enunciado expressa o sentido de continuação, partindo da ação passada ao momento presente, sendo formado pelo *presente do indicativo* do verbo auxiliar “*ter*” com o particípio de outro verbo. Para Celso Ferrarezi Júnior, no passado composto do indicativo, “o sentido temporal do passado perfeito composto é o de expressar um evento que tem início definido no passado, mas que é durativo, chegando ou até ultrapassando o agora”. (FERRAREZI JÚNIOR, 2014, p. 80)

Exemplos (os exemplos elencados neste trabalho foram tirados de Celso Ferrarezi Júnior – 2014 e de alguns sites da internet):

Pretérito perfeito do indicativo (simples):

- Pedro *acordou* cedo.
- Paulo *estudou* muito.
- *Comprei* uma caneta agorinha
- *Chegou* em sua casa, *foi* ao seu quarto nos fundos da casa, *deitou-se* e *dormiu*.

Pretérito perfeito do indicativo (composto):

- Tenho *estudado* até tarde.
- Letícia tem *faltado* muito às aulas.
- Carlos tem *andado* triste ultimamente.

Ainda no modo indicativo, temos o pretérito mais-que-perfeito que é utilizado para expressar uma ocorrência anterior à outra também passada, e assim como no pretérito perfeito (fato recorrente antes do perfeito), o mais-que-perfeito é formado por um período simples e um composto, sendo o simples empregado na escrita de textos formais, enquanto o período composto é utilizado na linguagem oral.

Segundo Celso Ferrarezi Júnior (2014), tratando-se do passado mais-que-perfeito do indicativo, questões idiomáticas são discutidas em relação ao seu uso na linguagem oral do português brasileiro, pois, por muito tempo, as formas simples e compostas conviveram semanticamente juntas no período enunciativo da linguagem oral, principalmente a forma simples, que ressalta, até mesmo, sentidos extintos da sua forma na linguagem falada, elencando argumentos significativos em alguns estudiosos que chegam a falar que a forma simples não existe mais no português brasileiro (cf. PERINI, 2010). O autor ainda destaca que, apesar de pouco usado na fala, não é correto afirmar que o pretérito mais-que-per-

feito (simples) não existe mais no português brasileiro, pois é bastante utilizado em sua forma composta com sentidos semelhantes ao simples.

Ainda referente ao passado mais-que-perfeito do indicativo, Celso Ferrarezi Júnior (2014) nos apresenta o sentido harmônico do tempo chamado de “tempo de arrependimento”, ocorrido quando o *mais-que-perfeito* entra em harmonia com o *passado imperfeito do subjuntivo* que, quando em contato harmônico, indica uma condição de sentido distinta dada pelos outros tempos, transcorrendo assim, expressões de sentido recorrentes às do futuro do pretérito do indicativo, pois expressa na oração, um fato que poderia ser evitado ou um fato desejado que não foi realizado pela condição do imperfeito do subjuntivo, mas que foi realizado, um dia, mas não com o mais-que-perfeito do indicativo (reforçando assim o sentido do futuro do pretérito do indicativo).

O pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo (utilizado na linguagem oral) é constituído pelo verbo auxiliar “*ter*” no *pretérito imperfeito* juntamente com o particípio de outro verbo, enquanto na linguagem formal o verbo auxiliar é constituído pelo verbo “*haver*”.

Exemplos:

Pretérito mais-que-perfeito (simples):

- Quando o noivo *apareceu*, a noiva já *chegara* na igreja.
- Ele *comprou* o apartamento com o dinheiro do carro que *vendera*.

Pretérito mais-que-perfeito (composto):

- Quando eu *cheguei*, a Maria já *tinha saído*.
- Quando a gente *conseguiu* o dinheiro, ela já *tinha vendido* a moto.

O modo indicativo também possui o pretérito imperfeito que, diferentemente dos outros pretéritos do indicativo, não possui período composto, apenas simples. Celso Ferrarezi Júnior (2014) destaca que o pretérito imperfeito do indicativo não possui período composto, mas com tudo é utilizado como verbo auxiliar no período composto do mais-que-perfeito do indicativo, fato que ocorre em diversos tempos que não possuem períodos compostos, simplesmente porque são usados como auxiliar para formar períodos compostos em outros tempos.

O pretérito imperfeito do indicativo é utilizado para descrever um fato, um hábito ou um acontecimento que ocorria com frequência no pas-

sado, indicando continuidade relacionada a outro acontecimento que aconteceu no pretérito, expressando também o presente em um momento passado em que se está sendo descrito, remetendo-nos a Celso Ferrarezi Júnior (2014), quando nos apresenta que o sentido do passado imperfeito transcorre diferentemente do sentido do passado perfeito composto do indicativo, afirmando que “o passado imperfeito do indicativo tem esse nome porque expressa uma ação durativa, com início e fim indefinidos, mas que se encerra antes do agora”. (FERRAREZI JÚNIOR, 2014, p. 80)

Exemplos:

Pretérito imperfeito:

Fato contínuo, habitual ou frequente:

- Naquela época eu *cantava* como um pássaro.
- Antigamente ele *fazia* exercícios todos os dias.

Um fato que indica continuidade em relação a outro fato que ocorreu ao mesmo tempo no passado:

- Eu *dormia* quando você entrou pela porta e me *acordou*.
- Enquanto ele *lia* o jornal, ela *fazia* ioga ao seu lado.

Um fato que era presente em um momento passado em que se está sendo descrito:

- “*Faltava* um ponto a meu adversário para ganhar. A mim, *faltavam-me* não sei quantos: sei só que *eram* muitos”. (Álvares de Azevedo, 1965)

4.2. Subjuntivo

O modo subjuntivo dos verbos, assim como o indicativo, é composto por três tempos pretéritos, porém os períodos temporais expressam um aspecto singular diferente do indicativo, contendo apenas um período simples e dois períodos compostos, sendo eles o pretérito perfeito (composto), pretérito imperfeito (simples) e pretérito mais-que-perfeito (composto). Vejamos agora suas funções e usos no momento da enunciação.

O pretérito perfeito do modo subjuntivo é constituído somente de maneira composta, sucedido de um verbo auxiliar no presente do subjuntivo juntamente com um verbo principal no particípio, e ocorre quando o enunciado exprime um acontecimento supostamente concluído ou quando exprime um acontecimento a ser concluído no futuro com relação a

outro acontecimento também no futuro, remetendo-nos a Celso Ferrarezi Júnior (2014) que, em relação ao sentido enunciativo temporal do verbo, afirma o seguinte: “Esse tempo se “calcula” mesmo é em relação ao MR lá no futuro. É esse MR no futuro que se define como limite para que o evento tenha já ocorrido antes, logo, no passado em relação a esse mesmo limite”. (FERRAREZI JÚNIOR, 2014, p. 97)

Exemplos:

Pretérito perfeito do subjuntivo (composto):

Quando exprime um fato supostamente concluído:

- Talvez eu *tenha* me comportado muito mal.
- Acredito que ela *tenha observado* a planta da nova casa.
- Tomara que ela *tenha chegado* bem em casa.

Quando exprime um acontecimento a ser concluído no futuro com relação a outro acontecimento no futuro:

- Quando chegarmos em casa, espero que já *tenham entregue* a correspondência que estou esperando.
- Talvez eu *tenha terminado* o trabalho quando o professor chegar.

O pretérito imperfeito do subjuntivo ocorre quando o momento enunciativo exprime um fato passado, condicionando o verbo principal da oração ao futuro do pretérito do modo indicativo, possuindo assim valor de passado, presente (fato em ocorrência) e futuro (relacionada a algum momento passado) no momento da enunciação, reportando-nos ao pensamento de Celso Ferrarezi Júnior, percebemos que: “o sentido temporal do *passado imperfeito do subjuntivo* é o de *expressar um evento que deveria ter acontecido como condição para que outro evento ocorra*”. (FERRAREI, 2014, p. 97)

Exemplos:

Pretérito imperfeito do subjuntivo

Quando possui valor de passado:

- Se você *tivesse* dinheiro, compraria uma loja.
- Mesmo que a saudade *batesse* a sua porta, permaneceria impassível.
- Se eu não *trabalhasse* tanto, caminharia todos os dias.

Quando possui valor de presente (expressando fato em ocorrência):

- Se *tivesses* coragem, estaria lutando por seus ideais.

Quando possui valor de futuro:

- Naquele instante, era provável que o mundo *ruísse*.
- “Se tu *fosses* tonel, como pareces, eu te beberia agora de um só trago.” (Álvares de Azevedo, 2000)
- Se eles *pudessem*, dormiriam o dia todo.

Ainda no modo subjuntivo temos o pretérito mais-que-perfeito, que é formado por um período composto, sucedido de um verbo auxiliar no presente do subjuntivo, juntamente com o verbo principal no particípio (assim como pretérito perfeito do subjuntivo), ocorrendo quando o momento elocutivo expressa uma ação anterior condicionando outra ação passada, e quando ocorre um fato passado que expressa dúvida, uma ação hipotética ou um fato irreal.

Celso Ferrarezi Júnior (2014), em *O Estudo dos Verbos na Educação Básica*, apresenta-nos uma concepção diferente da gramática tradicional em relação ao pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo. O autor destaca que o passado mais-que-perfeito do subjuntivo toma como sentido de condição o passado imperfeito do subjuntivo, porém comparando-o com uma forma composta do imperfeito do subjuntivo ao relatar sua harmonia usual de sentido no período enunciativo, cita-o na forma prescrita como tradicional e na forma usual mais aceita no português brasileiro, e que apesar das duas formas seu sentido não muda independentemente da forma escolhida.

Ainda em *O Estudo dos Verbos na Educação Básica*, Celso Ferrarezi Júnior (2014) destaca que a condição de sentido expressa pelo pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo está sempre antes do agora (sentido passado em relação ao presente) que, diferentemente do pretérito mais-que-perfeito do indicativo, que expressa sentido referente a um evento que ocorre anterior ao tempo perfeito, o mais-que-perfeito do subjuntivo terá como referência um evento relacionado ao agora, ressaltando assim a importância de designação dos tempos durante o ensino dos pretéritos na educação básica, pois apesar de ambos possuírem o mesmo nome, possuem sentido de tempo (cronológico) ao momento de referência bem diferente em relação à sua função na estrutura do enunciado.

Exemplos:

Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo

Quando expressa um acontecimento passado em relação a outro também passado:

- Se você *estivesse* de casaco, poderíamos ter ficado até mais tarde.
- Se *tivesse ouvido* o que diz a experiência, não correria os riscos pelos quais passou.
- Se *tivesse estudado* mais, teria tirado uma nota melhor.

Quando ocorre um fato passado que expressa dúvida, uma ação hipotética ou um fato irreal:

- Esperava que eles *tivessem lido* todos os textos para aula.
- Se ele não *fosse* tão severo, gostaríamos de ter feito uma festa surpresa.
- Embora *tivessem limpado* bem a casa, sua mãe percebeu que havia ocorrido algo estranho.

5. Considerações finais

Com base nas análises conceituais dos pretéritos, percebemos uma contribuição significativa em relação ao processo compreensivo e estrutural da variante-padrão. Tendo em vista que o foco principal desta análise é a conscientização dos discentes em relação ao ensino dos tempos, é importante ressaltar que os professores que possuem um conhecimento aprofundado sobre as indicações de uso dos pretéritos, possuirão melhores condições ao desenvolver uma sequência didática que seja rica em termos de conhecimento gramaticais (de preferência ao estudo dos verbos), provocando assim no aluno interesse nos estudos dirigidos à língua portuguesa, além de uma melhor compreensão e ensino dos verbos, ressaltando assim as concepções de uso e designação dos pretéritos contidos na estrutura da oração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2012.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

FERRAREZI JÚNIOR, Celso. *O estudo dos verbos na educação básica*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 31. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. [44. ed., 2005].

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. 6. ed. São Paulo: Unesp, 2000.

OLIVEIRA, Luiz Roberto Peel Furtado de. *Vocabulário da sintaxe normativa portuguesa*. 1. ed. João Pessoa: Ideia, 2016.

PERINI, Mário Alberto. *Gramática descritiva do português*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. [1. ed., Parábola, 2010].

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.